

Partidos quebrados aguardam eleições

Um PMDB ameaçado de perder todos os seus militantes de centro-esquerda e de esquerda, divididos entre o MUP, de projeto socialista, e os xiitas de Mário Covas, se o partido for dominado pelos integrantes do Centrão. Um

PFL dividido, quebrado, mas que ainda assim sonha em eleger o presidente. Um PDS reduzido a 38 constituintes, em extinção em várias unidades do País, que talvez nem sobreviva até as próximas eleições — e que, se sobreviver, dificilmente terá candi-

dato próprio, embora, como sempre, haja quem mencione o eterno Paulo Maluf. Um PDT que só tem diretórios no Rio e no Rio Grande do Sul, mas que aposta na vitória de seu diretor-presidente, Leonel Brizola, no segundo turno, contra o candidato das

forças liberais. Um PTB que aposta em Antônio Ermírio, mas guarda Jânio Quadros como opção-surpresa.

Nesse quadro de divisões, divergências, intrigas e golpes, disfarçados ou não, a

única imagem de unidade é o PT.

Embora não sonhando com uma possível vitória, o partido já lançou Lula como seu candidato à Presidência, para, pelo menos durante a campanha até o primeiro turno, popularizar uma legenda

até agora limitada quase que somente ao ABC paulista.

É esse o quadro partidário no Brasil, um ano depois de a Constituinte ter acirrado de a divisões internas em todas as agremiações.

Brasília / Agência Estado

PMDB perde os xiitas se Centrão se impuser

Os grupos de centro-esquerda e de esquerda do PMDB não pretendem continuar no partido, se nele permanecer o centro-direita e a direita, integrantes do Centrão. Pelo menos é o que dizem representantes do centro-esquerda, como Fernando Henrique Cardoso, Fernando Lyra, Pimenta da Veiga, Euclides Scalco, e da esquerda, como Cristina Tavares, Domingos Leonelli, Carlos Mosconi e Otávio Eliseo, integrantes do "Movimento de Unidade Progressista", MUP.

Os peemedebistas mais à esquerda, que formaram o MUP, tinham um projeto socialista. Anunciaram que ingressariam no PSB, uma decisão que a deputada Cristina Tavares (PE) chegou até a comunicar da tribuna. Por ora, dos 25 membros do MUP somente dois deixaram o PMDB — Nelson Aguiar (ES), que se filiou ao PDT brizolista, e Ademir Andrade (PA), que foi para o PSB.

Os demais desistiram esperar mais um pouco, antes de nova opção partidária. E a maioria parece mesmo preferir uma nova agremiação social-democrata, ainda que correndo o risco de continuar como uma facção menos transitante, mais de esquerda do que de centro-esquerda. A nova palavra mágica, uma senha que muitos acham possível empolgar o PMDB, é "histórico". Há uma campanha, dentro e fora do Congresso, para restabelecer a linha político-partidária do extinto MDB.

A "mágica" seria possível com a "desincorporação". As correntes de esquerda e de centro-esquerda desejam ficar livres de políticos que pertenciam à Arena e ao PDS, e de antigos filiados de linha "menos progressista". Se os moderados insistirem em continuar no PMDB, ou se os grupos de esquerda sentirem que não dominarão o partido, a implosão será inevitável.

O senador paulista Severo Gomes, por exemplo, acha que não dá mais para esperar a promulgação da futura Constituição para a definição interna. Os debates nas comissões e no plenário da Constituinte mostraram vários PMDBs e, para muitos, chegou a hora de acabar com a frente multicolorida que Ulysses Guimarães vem presidindo desde 1971.

Um dos coordenadores do Centrão — o grupo de centro-direita interpartidário — o deputado Roberto Cardoso Alves, vem pregando de longa data a "decantação" do PMDB. Ele poupou elogios a vários ex-peemedebistas que, coerentemente, assumiram outras siglas, como PCB, PC do B, PT, PDT, PSB, criticando os que professam ideologias de esquerda, mas insistem em continuar vestindo a camisa do PMDB. Pela vontade de Cardoso Alves, o seu partido seria de centro, contestando, no seu caso pessoal, que seja um político de direita, muito menos um conservador. Peemedebistas históricos não lamentaram a saída do deputado paraense Ademir Andrade, que se filiou ao PSB. Por eles, outros do MUP deveriam seguir o mesmo caminho. Tudo indica, porém, que a maioria do MUP vai mesmo preferir o preconizado partido de centro-esquerda, "sem a participação dos conservadores e reacionários, hoje no Centrão", na avaliação de Cristina Tavares.

Os planos do partido, na linha da social-democracia, prevêem a presença de alguns governadores do PMDB. Na previsão de Fernando Lyra, numa segunda etapa eles contariam com Miguel Arraes (PE), Collor de Melo (AL), Carlos Bezerra (MT) e Waldir Pires (BA), entre outros.

Num exame sem profundidade e sem levar em conta possíveis "modernos" do PFL, as previsões são favoráveis. A bancada federal do PMDB mineiro, por exemplo, está rachada, entre os que apóiam e os que fazem oposição ao palácio da Liberdade. Sob a liderança de Pimenta da Veiga, mais de dez dissidentes deverão apoiar o novo partido de centro-esquerda.

Do Rio de Janeiro poderiam sair do PMDB, entre outros, Nelson Carneiro, Ronaldo César Coelho, Miro Teixeira, Márcio Braga, Ana Maria Rattes e Arthur da Távola. Do Paraná, José Richa, Euclides Scalco, José Tavares, Hélio Duque. Do Rio Grande do Sul, José Carlos Bisol, Antonio Britto, Nelson Jobim e o ex-deputado João Gilberto. De S. Catarina, Paulo Macarini e Nelson Wedekin. Do Espírito Santo, Rita e Gerson Camata. Do Amazonas, Bernardo Cabral. Do Distrito Federal, Geraldo Campos e Sigmaringa Seixas. De Mato Grosso, Márcio Lacerda. Da Bahia, Juthay Júnior e Chico Pinto. E de Alagoas, José Costa e Teotônio Vilela Filho.

O quadro paulista tem alguns complicadores. Os defensores de uma agremiação social-democrata têm preservado das articulações dois líderes nacionais do partido — Ulysses Guimarães e Mário Covas. Muitos não acreditam que o presidente do PMDB possa ficar no partido se este for dominado pelo centro-direita e pela direita, mas não acham nada fácil Ulysses sair, lembrando que o veterano político paulista só teve dois partidos — o velho PSD e o MDB que ajudou a fundar em 1966.

Ulysses Guimarães tem sido o principal obstáculo a uma provável implosão do PMDB. Ele tem dito que a atual agitação interna será passageira, e que, uma vez promulgada a nova Constituição, tudo voltará ao normal. Traduzindo: quer continuar comandando a frente multicolorida que é o PMDB — sucedâneo do MDB.

Na sua opinião, muitos dos que deixaram o partido acabaram morrendo politicamente. Ulysses não citou nomes, mas deve ter lembrado, pelo menos, o do ex-deputado Freitas Nobre, que se filiou ao PDT para tentar a prefeitura de São Paulo e acabou desistindo. Mas não citaria Jarbas Vasconcelos, que saiu do PMDB, disputou e ganhou a prefeitura do Recife pelo PSB e retornou ao PMDB.

O senador Mário Covas está relutante. Aos seus amigos mais chegados ele admite sair do PMDB se o partido do qual também foi fundador e presidente regional for dominado pela maioria de centro-direita. Gostaria de mudar para um "novo MDB", social-democrata, com os compromissos e com o programa de agremiação que ce deu lugar ao PMDB. Covas acredita no realinhamento partidário após a promulgação da futura Constituição.

Outro dia, num desabafo, o senador disse que na convenção do seu partido votaria em Ulysses para presidente, logo acrescentando: "Se até lá eu estiver no PMDB".

Outra noite, durante jantar ao ex-ministro Rafael de Almeida Magalhães, encontraram-se Ulysses e Covas. O presidente do partido, sorridente, perguntou: "Então, Mário, com o PMDB sempre?" O senador tranquilamente, respondeu: "Pelo menos até o final da Constituinte". Ulysses perdeu o sorriso.



Covas, o pivô da divisão



PFL só tem esperança de vencer com alianças

"O PFL tem todas as condições de ser vitorioso nas próximas eleições presidenciais, por causa da divisão das esquerdas entre os candidatos do PMDB, do PDT e do PT. As forças do centro e de centro-direita poderão unir-se em torno de um grande nome e ganhar as eleições."

A previsão é do primeiro vice-líder do PFL, deputado Inocêncio Oliveira (PFL-PE). Esse estado de espírito não parece haver ainda contagiado o ministro de Minas e Energia, Aureliano Chaves, nome da preferência da maioria dos deputados e senadores do partido. Ele resiste a entrar na disputa, o que leva alguns membros do PFL, como o ex-ministro da Educação, Jorge Bornhausen, a acenar com a possibilidade de o partido apoiar a candidatura de Antônio Ermírio de Moraes e o seu presidente Marco Maciel, a manter contactos animados com o ex-governador do Rio, Leonel Brizola.

Contando com 133 constituintes, um governador de Estado, o do pequeno Sergipe, o segundo partido da Assembleia Nacional Constituinte deverá buscar aliança com forças afins, principalmente o PDS e o PL, na sucessão do presidente José Sarney, recebendo provavelmente de um deles a indicação do candidato à vice-presidência.

O único homem público dado como em condições de unir o partido e atrair o eleitorado de classe média, é o de Aureliano Chaves, segundo o deputado Jaime Santana (PFL-MA).

"A candidatura natural é a de Aureliano Chaves", concorda o senador Jorge Bornhausen (PFL-SC). Qualquer exame de nomes de fora da área partidária poderá ocorrer somente após a não aceitação de candidatura por parte do ministro de Minas e Energia.

"Candidatos há vários. A realização da consulta prévia dará chances a que todos votem em todos. É visível, porém, a tendência atual em favor da candidatura Aureliano Chaves. Ele e Marco Maciel são as lideranças históricas do PFL. E Maciel tem estimulado o nome do ministro de Minas e Energia como convergência natural de todas as nossas forças", segundo o líder Carlos Chiarelli.

dária, tendo à frente os senadores Marco Maciel, Jorge Bornhausen, Guilherme Palmeira e José Agripino, quer romper com o governo, contra a maioria dos seus senadores e deputados que pretendem manter-se vinculados ao presidente José Sarney. A maioria da bancada ingressou no Centrão, ao lado do líder José Lourenço, contra a vontade do senador Marco Maciel e de um pequeno grupo de deputados que não quer que o partido assuma feição marcadamente conservadora.

Aureliano defende a permanência do apoio do PFL ao governo da União no interesse da transição política, e aceita ser candidato apenas se a Constituinte mantiver o regime presidencialista de governo, se for aclamado pelas bases partidárias, e se receber o apoio de forte esquema político em Minas, seu estado natal.

Há quem identifique, em tais exigências, a racionalização de suas resistências a ser candidato. Ele teria dado um balanço na situação do partido, nas últimas eleições e nas mais recentes pesquisas de opinião pública, e chegado à conclusão de que não tem qualquer possibilidade de ganhar a eleição para escolha do sucessor de Sarney. Nesse caso, prevê-se a dispersão dos membros do partido. Uns, como Bornhausen, ficariam com Antonio Ermírio de Moraes, enquanto outros, como José Thomaz Nono (PFL-AL), Júlio Campos (PFL-MT), Jaime Santana (PFL-MA) partiriam para o apoio à candidatura de Leonel Brizola.



Aureliano, em dúvida

PDS não tem candidato, a não ser que Maluf...

O PDS dificilmente terá candidato próprio à Presidência da República nas próximas eleições, embora ainda haja quem fale na possibilidade de o ex-deputado Paulo Maluf entrar no jogo.

Quando há três meses sua executiva nacional, em bem-humorada reunião, aclamou o nome de seu presidente em exercício, senador Jarbas Passarinho, ele mesmo levou a indicação na brincadeira, em conversa com jornalistas.

"Vamos ter de fazer licitação para ver se aparece algum herói", brincou também o 2º vice-presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Jorge Arbate (PDS-PA).

Reduzido a 38 constituintes, e em extinção em várias unidades da Federação, o antigo maior partido do

Occidente, se sobreviver até o pleito presidencial, deverá perseguir composição com o PFL. A não ser, porém, que continue tão intensa a rejeição do eleitorado à sigla que ninguém queira seu apoio, como aconteceu ano passado em Minas, onde tanto Newton Cardoso quanto Itamar Franco, que disputavam o governo do Estado, recusaram seu apoio, lutando pela manutenção da candidatura pedessista de Murilo Badaró, temendo contaminar-se com sua impopularidade.

O deputado Delfim Netto (PDS-SP) defende a tese de que o partido forme com a candidatura do industrial Antonio Ermírio de Moraes, e não acredita que ele se recuse a entrar na luta: "Ele será convocado a servir ao País", garante.

PDT possui bases em dois Estados

O PDT não tem diretórios instalados na maioria dos municípios brasileiros. Eles existem apenas no Rio e no Rio Grande do Sul, em função do prestígio de seu diretor-proprietário, o ex-governador Leonel Brizola. O que não impede que os seus integrantes tenham absoluta certeza da vitória de seu candidato. O partido está unido em torno disso. Lembrem, a propósito, o exemplo de Getúlio Vargas que, em 1950, voltou à Presidência da República pelo voto popular, cavalcando a minúscula legenda do PTB, e o de Jânio Quadros que, nas urnas de 1960, desbaratou a coligação majoritária do PSD e do PTB, agrupados em torno da candidatura do marechal Henrique Lott.

Eles acreditam que Brizola, candidato desde o começo da década de 1960, quando João Goulart, seu cunhado, era presidente da República (e cunhou o slogan "Cunhado não é parente, Brizola para presidente"), será o grande beneficiário da inclinação oposicionista da maioria da sociedade brasileira, nesse instante de aguda crise econômico-financeira. Crítico ácido na Nova República, do Plano Cruzado e autor dos ataques mais virulentos ao presidente José Sarney, certamente compensará através de sua facilidade de comunicação pelo rádio e pela tevê, a falta da malha partidária. E admite, inclusive, contar com o apoio do PT de Luiz Inácio Lula da Silva, no segundo turno, quando prevêem que o duelo se travará entre Leonel Brizola e o candidato das forças conservadoras.

Jânio ou Ermírio, os nomes do PTB

O PTB tem dois possíveis candidatos à sucessão do presidente José Sarney, Antônio Ermírio de Moraes ou o prefeito Jânio Quadros, segundo seus integrantes, que estão unidos em torno disso.

Antônio Ermírio disputou a prefeitura pela legenda, de que se desligou, após a derrota. Os petebistas, porém, insistem em lançar seu nome no debate sucessório, apesar de sua insistência em dizer que não pleiteia disputar, novamente, mandatos eletivos.

Se não for ele o candidato, o PTB terá de apelar para o ex-presidente Jânio Quadros, que, desde sua posse na prefeitura paulistana, anunciou haver encerrado sua carreira política, chegou mesmo a pendurar duas chuteiras na porta do gabinete, simbolizando essa decisão. O que não chegou a convencer ninguém, tão mercurial é o estado de espírito da surpreendente personalidade.



Lula, único definido

Petistas saem na frente, com Lula

O PT é o único partido que já tem candidato lançado à Presidência da República, tendo o lançamento ocorrido em reunião pública de seu diretório nacional, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Na oportunidade não foi apontado o nome de seu companheiro de chapa, a ser escolhido nas fileiras do PC do B ou do PSB, agremiações com as quais os petistas esperam se compor quando da sucessão do presidente José Sarney.

Os petistas não creem em vitória na próxima disputa presidencial. Tendo candidato próprio, no primeiro turno, a fim de popularizar a legenda, até agora praticamente limitada ao ABC paulista, em todos os municípios do País.

Eles ficaram animados com a vitória de seu candidato na eleição para a prefeitura de Vila Velha prevenido que, ao lado do PDT, serão os grandes beneficiários do hasteamento da bandeira oposicionista, na próxima campanha eleitoral, nos grandes centros urbanos: não há divergências fortes entre os integrantes do partido.